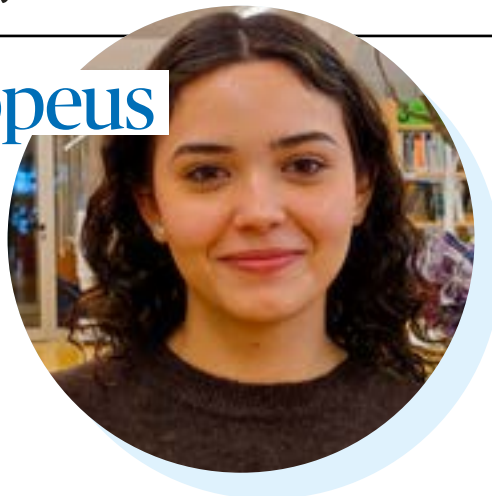


BOLETIM Público na escola

Fundos europeus



Falta de professores

Bolsas de estudo

Gaza



VENCEDORES
DO CONCURSO
**ISTO TAMBÉM
É COMIGO!**



Grammys

Alterações climáticas



Venezuela



Inteligência artificial



Editorial de **Manuela Pargana Silva**

DIRETORA DO DEPARTAMENTO DA PROMOÇÃO DA LEITURA DO EDUQA

A escola como espaço de inquietude

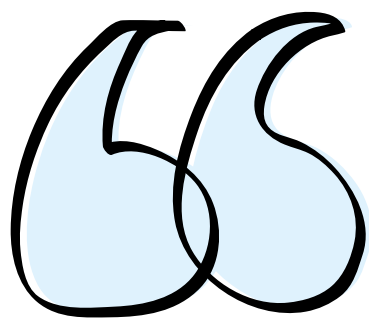
A escola constitui, por excelência, o espaço de formação da consciência crítica e do exercício da cidadania. É neste contexto que o Ministério da Educação, Ciência e Inovação, através do Departamento de Promoção da Leitura - Rede de Bibliotecas Escolares, e em parceria com o PÚBLICO na Escola, tem promovido a iniciativa “Isto também é comigo!”. Mais do que um concurso, esta rubrica mensal afirma-se como um compromisso com a literacia mediática, desafiando os alunos do ensino secundário a interpretarem o mundo através da leitura do jornal e a darem voz às suas próprias reflexões. Desde o seu lançamento, em novembro de 2021, tem registado uma adesão significativa, conso-

lidando uma rede de participação que se estende por todo o território nacional. Os dados acumulados até junho de 2026 revelam o impacto desta dinâmica: foram submetidos 879 textos de alunos que aceitaram o desafio de opinar sobre temas da atualidade. Este é o resultado de um percurso sólido desta rede vasta, apoiado pela curadoria essencial dos professores bibliotecários, comprovando que a escola é um lugar onde o pensamento se exercita. Folhear as reflexões produzidas ao longo deste ano letivo de 2025-2026 é entrar nas janelas de consciência de uma geração que se recusa ao silêncio. Nesta edição do boletim, celebramos uma atitude que nos surpreende, pelos melhores motivos.

Ao percorrermos os textos submetidos, somos confrontados com uma sensibilidade arguta e atenta. Na verdade, a análise das temáticas abordadas revela uma maturidade intelectual notável. As reflexões apresentadas demonstram uma juventude atenta aos equilíbrios geopolíticos e aos Direitos Humanos, como se verificou nas abordagens sobre a esperança em cenários de conflito internacional e sobre o défice de liberdade e a repressão em contextos ditatoriais. Estes trabalhos convocam a ética na governação, como a credibilidade das instituições e as barreiras socioeconómicas que inibem o acesso ao ensino superior. O espírito crítico estende-se igualmente às problemáticas estruturais: a habitação, o ambiente ou a falta de recursos humanos.

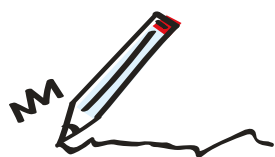
No campo das artes e da tecnologia, refletem com sabedoria sobre os riscos éticos de uma inteligência artificial que começa a substituir o pensamento. Destaca-se uma reflexão profunda sobre a felicidade, partindo da imagem de crianças em cenários de guerra que, apesar de tudo, mantêm a esperança. É um lembrete poderoso de que a juventude não olha para a dor do outro como algo externo, mas convoca-a como compromisso humano.

Convidamos todos a ler estes textos de opinião, deixando-se tocar pelo pensamento livre. **Ler o mundo é mesmo coisa para os jovens!**



Folhear as reflexões produzidas ao longo deste ano letivo de 2025-2026 é entrar nas janelas de consciência de uma geração que se recusa ao silêncio.

Quando a tecnologia começa a “pensar” por nós



TEXTO DE
LUCAS MARTINS

A notícia sobre a nova aposta da Google deixou-me simultaneamente impressionado e preocupado. A ideia de transformar o telemóvel num assistente pessoal, capaz de compreender hábitos, antecipar necessidades e tomar decisões, aproxima-nos de uma realidade que, até há pouco tempo, parecia apenas ficção científica. Ao ler sobre esta evolução, torna-se inevitável pen-



FOTO: DR



CONCURSO
**ISTO TAMBÉM
É COMIGO!**

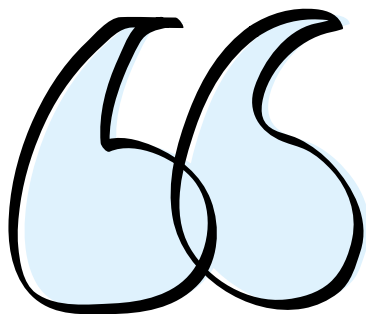
VENCEDOR DA EDIÇÃO DE MAIO DE 2026
LUCAS MARTINS

ALUNO DO 12.º ANO | AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE VILA POUCA DE AGUIAR

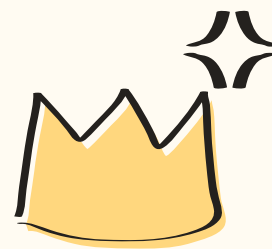
sar até que ponto estamos dispostos a entregar partes da nossa vida e da nossa autonomia à inteligência artificial.

À minha volta, muitas pessoas encaram estas mudanças com entusiasmo, vendo nelas apenas conforto e eficiência. De facto, ter um telemóvel capaz de organizar tarefas, responder automaticamente ou facilitar o quotidiano é uma vantagem evidente. No entanto, para mim, a dependência crescente da tecnologia levanta questões importantes. Quando começamos a deixar que dispositivos “pensem” por nós, corremos o risco de perder espaço para a reflexão, para a decisão consciente e até para o erro humano, que também faz parte da nossa aprendizagem.

Não acredito que o problema esteja apenas na inteligência artificial em si, mas na forma como a sociedade se habitua rapidamente à comodidade. Tal como aconteceu com as redes sociais, muitas ferramentas tecnológicas começam por facilitar a vida e acabam por influenciar comportamentos, rotinas e até relações pessoais. Quanto mais informação entregamos às grandes empresas tecnológicas, maior é também o poder que estas passam a ter sobre aquilo que vemos, escolhemos e consumimos diariamente. Mais do que rejeitar o avanço tecnológico, importa aprender a utilizá-lo com equilíbrio. A inteligência artificial pode trazer benefícios importantes, mas não deve substituir o pensamento crítico nem a liberdade de escolha. O verdadeiro desafio não é criar máquinas cada vez mais inteligentes, mas garantir que os seres humanos continuam capazes de decidir por si próprios, num mundo cada vez mais automatizado.

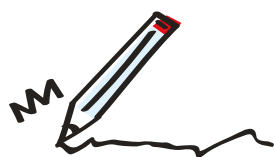


A inteligência artificial pode trazer benefícios importantes, mas não deve substituir o pensamento crítico nem a liberdade de escolha.



Uma iniciativa do projeto **PÚBLICO na Escola** e da **Rede de Bibliotecas Escolares (RBE)**, o concurso **“Isto também é comigo!”** distingue, todos os meses, um texto da autoria de estudantes do ensino secundário, tendo como ponto de partida para a reflexão um trabalho do PÚBLICO. Integraram o júri, na edição de maio: Luísa Gonçalves, coordenadora do PÚBLICO na Escola; Cláudia Sá, professora, AE António Correia de Oliveira, em Esposende; Mariana Alves, aluna do Agrupamento de Escolas de Albergaria-a-Velha; Dália Santos, elemento da equipa RBE.

Uma crise ultrapassada ou uma realidade abandonada?



TEXTO DE
CATARINA GONÇALVES SIMÕES

O artigo “Falta de professores? Problema ‘é muito menos grave’ do que é apresentado, diz ministro”, de Cristiana Faria Moreira, foi publicado, no PÚBLICO, a 21 de abril de 2026, e apresenta a forma como o governo português considera exagerada a escassez óbvia de docentes nas escolas. O discurso utilizado permite, à primeira vista, tranquilizar a sociedade, mas



FOTO: DR

conduz-me a uma questão inevitável: será que estes números contam a história toda?

Estatisticamente, o problema diminuiu, mas, independentemente dos cálculos, milhares de alunos continuam sem aulas e sem acesso à educação. Na perspetiva destes, pouco importam os números apresentados, tendo em conta que, no lugar de um professor, continuam a encontrar o vazio, e no lugar de alunos academicamente bem preparados encontram-se a si próprios, perdidos e deixados para trás pelo sistema educativo do país.

Quem governa tende a simplificar uma crise que é, na sua essência, complexa. Ao afirmar que o problema está “menos grave”, é utilizado um discurso que, apesar de matematicamente verosímil, pode criar uma ilusão de controlo que conduz à desvalorização do impacto desta instabilidade, diminuindo a sensação de urgência na sociedade. Mascara-se, assim, uma situação com contas complexas e oscilações nos números, limitando oportunidades, acentuando desigualdades e gerando formação académica incompleta.

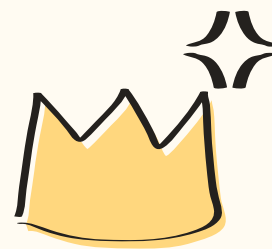
As questões reais deveriam continuar a ser: porque é que continuam a faltar professores? Qual a razão que faz com que tantos evitem esta profissão? A resposta talvez seja os salários pouco apelativos ou até a falta de valorização dos docentes. Sendo assim, a preocupação de quem está no poder deveria ser resolver as causas deste problema nacional, ao invés de discursos sensacionalistas sobre realidades pouco sustentadas.

Este artigo demonstra como uma crise pode ser encarada sob dife-



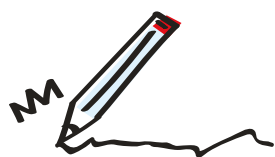
As questões reais deveriam continuar a ser: porque é que continuam a faltar professores? Qual a razão que faz com que tantos evitem esta profissão? A resposta talvez seja os salários pouco apelativos ou até a falta de valorização dos docentes.

rentes ângulos, segundo as intenções de quem a observa. Enquanto cidadãos, não podemos fechar os olhos à realidade; pelo contrário, temos o dever de continuar a comentá-la. Só desta maneira poderemos lutar e exigir que não se continue a ignorar as vozes de pais ansiosos, de professores desmotivados e de alunos receosos sobre o seu futuro.



Uma iniciativa do projeto **PÚBLICO na Escola** e da **Rede de Bibliotecas Escolares (RBE)**, o concurso **“Isto também é comigo!”** distingue, todos os meses, um texto da autoria de estudantes do ensino secundário, tendo como ponto de partida para a reflexão um trabalho do PÚBLICO (em abril de 2026, foi este o artigo). Integraram o júri, nesta edição: Luísa Gonçalves, coordenadora do PÚBLICO na Escola; Anabela Solinho, professora, AE António Correia de Oliveira, em Esposende; Inês Saraiva, aluna do Agrupamento de Escolas de Albergaria-a-Velha; Carla Fernandes, elemento da equipa RBE.

O clima, a cegueira e um país que não se adapta



TEXTO DE
CAROL LUANA COELHO MOREIRA

O artigo do jornal PÚBLICO “Portugal é o país onde as casas se portam pior do que o clima”, da autoria de Andréia Azevedo Soares, desperta amargura em qualquer patriota. Face às recentes ondas de calor e tempestades que assolaram Portugal, transformando casas em locais inóspitos, penso que é importante refletir sobre estes fenómenos climáticos de forma



FOTO: DR



CONCURSO
**ISTO TAMBÉM
É COMIGO!**

VENCEDORA DA EDIÇÃO DE MARÇO DE 2026
CAROL LUANA COELHO MOREIRA

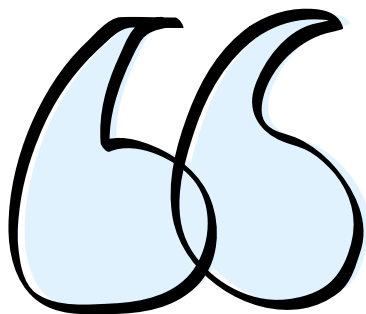
ALUNA DO 11.º ANO | AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE CANEÇAS

empática, já que os mesmos não só arrancaram telhados e janelas, mas também a estabilidade da vida das vítimas.

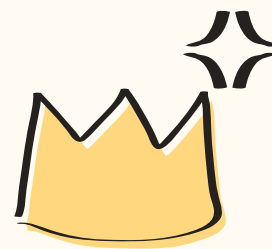
O que mais me entristeceu, ao ler este artigo, foi a descoberta do enorme atraso na adaptação climática a nível nacional, o que revela, a meu ver, a inação governamental. É bastante revoltante viver num país em que a pobreza energética das habitações afeta milhares de pessoas, sabendo que atualmente existem soluções ecológicas para a combater. As catástrofes naturais não são totalmente previsíveis, porém, ao prevermos os seus possíveis danos, evitamos ser um país que abandona as populações quando elas mais precisam.

Ao ler este artigo, foi inevitável recordar as palavras escritas por Saramago no Ensaio sobre a Cegueira: “Penso que não cegámos, penso que estamos cegos. Cegos que veem, cegos que, vendo, não veem.”. Apesar dos sinais da natureza, Portugal não se adaptou às alterações climáticas; na cegueira de viver o presente, esqueceu-se de acautelar o futuro. No entanto, descobrir o projeto “Macao Valley”, em que um conjunto de fatores bioclimáticos é reunido num estudo arquitetónico, fez-me recuperar a esperança num amanhã melhor e compreender que a construção ecológica não pode estar reservada a quem pode pagar inovação.

Há quem defenda que tudo deve ser tratado a seu tempo. Contudo, essa forma de pensar é perigosa na gestão de uma república: quanto mais cedo tivermos a coragem de agir, mais rapidamente colheremos os frutos da nossa prudência.

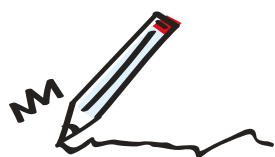


É bastante revoltante viver num país em que a pobreza energética das habitações afeta milhares de pessoas, sabendo que atualmente existem soluções ecológicas para a combater.



Uma iniciativa do projeto **PÚBLICO na Escola** e da **Rede de Bibliotecas Escolares (RBE)**, o concurso **“Isto também é comigo!”** distingue, todos os meses, um texto da autoria de estudantes do ensino secundário, tendo como ponto de partida para a reflexão um trabalho do PÚBLICO. Integraram o júri, nesta edição: Luísa Gonçalves, coordenadora do PÚBLICO na Escola; Cláudia Sá, professora, AE António Correia de Oliveira, em Esposende; Matilde Moura, aluna da Escola Básica e Secundária de Santa Maria, de Vila do Porto - Ilha de Santa Maria; Dália Santos, elemento da equipa RBE.

O som da mudança



TEXTO DE
JULIE FERREIRA

A 68.^a edição dos Grammys, realizada na Crypto Arena, em Los Angeles, destacou-se não apenas pelos prémios atribuídos, mas sobretudo pela forte dimensão política que marcou a cerimónia. Segundo o jornal PÚBLICO, no artigo “Grammys: uma noite pró-imigração e anti-ICE que Bad Bunny e Kendrick Lamar venceram”, de Rodrigo Nogueira, vários artis-



FOTO: DR

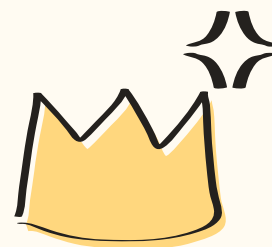
tas aproveitaram a visibilidade do evento para se posicionarem contra as políticas anti-imigração dos Estados Unidos, demonstrando que a música pode ser também um espaço de intervenção social e cívica.

Esta atitude confirma que a cultura não é neutra nem indiferente à realidade. A arte sempre refletiu o contexto histórico e social em que é produzida, funcionando como espelho das tensões e preocupações do seu tempo. Ao criticarem o ICE (Imigração e Fiscalização Aduaneira dos EUA) e defenderem os direitos dos imigrantes, artistas como Bad Bunny ou Billie Eilish mostram que não querem limitar-se ao entretenimento. Quando Billie Eilish afirma que “ninguém é ilegal em terra roubada”, utiliza um palco global para questionar desigualdades e estruturas de poder, promovendo reflexão junto de milhões de espectadores. É verdade que este tipo de intervenção pode gerar polémica. Os Grammys são acompanhados por públicos com opiniões políticas diversas, e um posicionamento explícito pode provocar divisão. No entanto, essa divisão já existe na sociedade; a arte apenas a torna visível e estimula o debate. Silenciar estas vozes seria ignorar problemas reais.

Para além da vertente política, a cerimónia ficou ainda marcada pela consagração de “DeBÍ TiRAR MáS FOToS”, integralmente em espanhol, como Álbum do Ano, sinal de maior abertura à diversidade cultural. Assim, considero que esta edição dos Grammys provou que a música pode ser, simultaneamente, celebração artística e instrumento de consciência social.

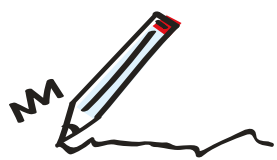


Quando Billie Eilish afirma que “ninguém é ilegal em terra roubada”, utiliza um palco global para questionar desigualdades e estruturas de poder, promovendo reflexão junto de milhões de espectadores.



Uma iniciativa do projeto **PÚBLICO na Escola** e da **Rede de Bibliotecas Escolares (RBE)**, o concurso **“Isto também é comigo!”** distingue, todos os meses, um texto da autoria de estudantes do ensino secundário, tendo como ponto de partida um trabalho do PÚBLICO. O artigo “Grammys: uma noite pró-imigração e anti-ICE que Bad Bunny e Kendrick Lamar venceram”, de Rodrigo Nogueira, de 2 de fevereiro, inspirou a aluna para uma reflexão sobre a 68.ª edição dos Grammys. Integraram o júri, nesta edição: Luísa Gonçalves, coordenadora do PÚBLICO na Escola; Anabela Solinho, professora, AE António Correia de Oliveira, em Esposende; Etienne Gendler, aluna da Escola Básica e Secundária de Santa Maria, de Vila do Porto - Ilha de Santa Maria; Carla Fernandes, elemento da equipa RBE.

Sombra de um povo sem voz



TEXTO DE
BEATRIZ TEIXEIRA NEVES BRANDÃO

Ao ler a notícia “*Checkpoints nas ruas e jornalistas detidos: a repressão à dissidência aumenta na Venezuela*”, da autoria de Inês Chaíça, senti um aperto no coração. Fiquei profundamente perturbada com a realidade que atualmente vive aquele país. Não é apenas um texto sobre política, mas um retrato impiedoso de um povo que perdeu um direito básico, o de se expressar.



FOTO: DR



CONCURSO
**ISTO TAMBÉM
É COMIGO!**

VENCEDORA DA EDIÇÃO DE JANEIRO DE 2026
BEATRIZ TEIXEIRA NEVES BRANDÃO

ALUNA DO 11.º ANO | AGRUPAMENTO DE ESCOLAS CAROLINA MICHAËLIS, PORTO

A notícia demonstra que, mesmo depois de uma “grande” mudança política, os venezuelanos permanecem sob vigilância, cercados por ameaças e obrigados a um silêncio imposto pelo medo.

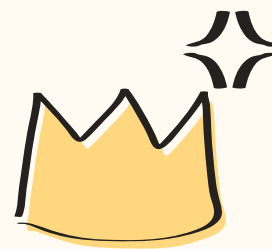
O que mais me scandalizou foi compreender que aquele silêncio não é sinónimo de serenidade, mas sim o reflexo de uma opressão profunda e invisível. É o retrato de uma população que vigia as próprias palavras e que apaga pensamentos antes de os expressar. Isto não é liberdade: é a dura arte de sobreviver em constante estado de alerta.

É bastante revoltante pensar que, em pleno século XXI, ainda existam países onde expressar uma opinião pode custar a liberdade, ou a própria vida. A repressão não é apenas física, é psicológica. Ela destrói lentamente a coragem, a esperança e a identidade de um povo.

Há quem afirme que a política é uma realidade distante, que não nos diz respeito. Contudo, essa ideia é uma ilusão perigosa. Quando toleramos que um povo seja privado da sua voz, estamos, na verdade, a abrir caminho para que o mesmo possa acontecer em qualquer parte do mundo, inclusive connosco. A liberdade de expressão não é um privilégio reservado a alguns, mas um direito humano imprescindível. Esta notícia não é apenas sobre a Venezuela, é sobre todos nós. O medo não deve ser visto como algo banal e o silêncio imposto não pode ser ignorado. Não nos é permitido desviar o olhar quando milhões de pessoas são condenadas a existir como sombras, aprisionadas pelo receio da própria voz. A liberdade necessita de ser defendida, pois, quando desaparece, leva consigo a dignidade, a esperança e o futuro.

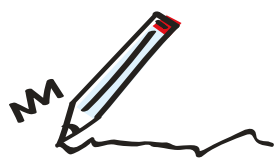


Quando toleramos que um povo seja privado da sua voz, estamos, na verdade, a abrir caminho para que o mesmo possa acontecer em qualquer parte do mundo, inclusive connosco.



Uma iniciativa do projeto **PÚBLICO na Escola** e da **Rede de Bibliotecas Escolares (RBE)**, o concurso **“Isto também é comigo!”** distingue, todos os meses, um texto da autoria de estudantes do ensino secundário, tendo como ponto de partida para a reflexão um trabalho do PÚBLICO. O artigo “Checkpoints nas ruas e jornalistas detidos: a repressão à dissidência aumenta na Venezuela”, da autoria de Inês Chaíça, publicado a 8 de janeiro de 2026, inspirou o artigo de opinião distinguido desta vez. Integraram o júri, na edição de janeiro: Luísa Gonçalves, coordenadora do PÚBLICO na Escola; Cláudia Sá, professora, AE António Correia de Oliveira, em Esposende; Mariana Alves, aluna do Agrupamento de Escolas de Albergaria-a-Velha; e Dália Santos, elemento da equipa RBE.

Acesso ao ensino superior e o sonho possível



TEXTO DE
LUNA VAZ FERNANDES

A notícia “Estudantes mais pobres vão receber ‘bolsa extra’ de 1045 euros no 1.º ano do superior”, quando foi lida por algumas pessoas à minha volta, gerou repúdio. O espaço que partilhávamos era preenchido por palavras que transmitiam repugnância e um sentimento de injustiça, que questionavam a existência de igualdade de oportunidades na proposta apresentada pelo governo.



FOTO: DR



CONCURSO
**ISTO TAMBÉM
É COMIGO!**

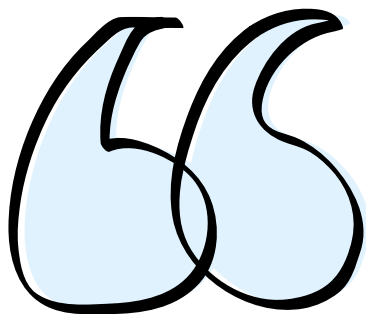
VENCEDORA DA EDIÇÃO DE DEZEMBRO DE 2025
LUNA VAZ FERNANDES

ALUNA DO 12.º ANO | AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE SEVER DO VOUGA

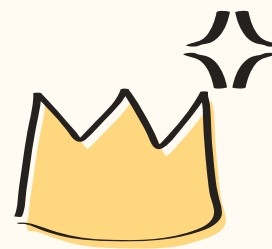
Não tenho essa linha de pensamento, nem é esse o meu sentimento. Perante isto, não me pronunciei, por também eu ser abrangida por este apoio. É através dele que consigo alterar a matéria do sonho, perdendo o seu sentido abstrato, transformando-a em algo palpável e concreto. Em nenhum momento da nossa vida imaginamos precisar de apoios, mas determinados acontecimentos alteram a trajetória, colocando o futuro no fio da navalha. Acredito que temos algum livre-arbítrio e que podemos mudar a nossa sina. As “bolsas de incentivo” reforçam essa possibilidade, quebrando a sentença colocada sobre as nossas mochilas antes mesmo de saberem os nossos nomes.

Não se trata de segregação entre escalões sociais, mas, sim, do fosso existente nos rendimentos das famílias. Esta bolsa visa apoiar o sonho de jovens que, por vicissitudes da vida, não possuem almofada financeira. Ambicionar um curso, ambicionar conhecimento, não deve ficar hipotecado por fatores alheios à sua aspiração.

Tal como diz Bernardo Soares, “Os que sonham grandemente, ou são doidos e acreditam no que sonham e são felizes, ou são devaneadores simples, para quem o devaneio é uma música da alma, que os embala sem lhes dizer nada”.



Esta bolsa visa apoiar o sonho de jovens que, por vicissitudes da vida, não possuem almofada financeira. Ambicionar um curso, ambicionar conhecimento, não deve ficar hipotecado por fatores alheios à sua aspiração.

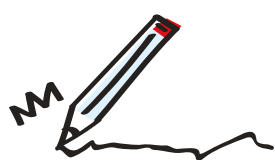


Uma iniciativa do projeto

PÚBLICO na Escola e da **Rede de Bibliotecas Escolares (RBE)**,

o concurso **“Isto também é comigo!”** distingue, todos os meses, um texto da autoria de estudantes do ensino secundário, tendo como ponto de partida para a reflexão um trabalho do PÚBLICO. O artigo “Estudantes mais pobres vão receber ‘bolsa extra’ de 1045 euros no 1.º ano do superior”, da autoria de Cristiana Faria Moreira, publicado a 3 de dezembro de 2025, inspirou, em dezembro, o artigo de opinião vencedor. Integraram o júri, nesta edição: Luísa Gonçalves, coordenadora do PÚBLICO na Escola; Anabela Solinho, professora, AE António Correia de Oliveira, em Esposende; Inês Saraiva, aluna do Agrupamento de Escolas de Albergaria-a-Velha; Carla Fernandes, elemento da equipa RBE.

Fiscalizar não é um obstáculo, é parte da solução



TEXTO DE
MARIA SAMPAIO PIMENTA

No artigo “O que de melhor se faz na Europa, menos no que interessa”, Susana Peralta critica a forma como Portugal tem gerido os fundos europeus, apontando falhas graves na fiscalização e na integridade da contratação pública. A autora defende que a fiscalização prévia do Tribunal de Contas é essencial para garantir que o dinheiro público é bem aplicado,



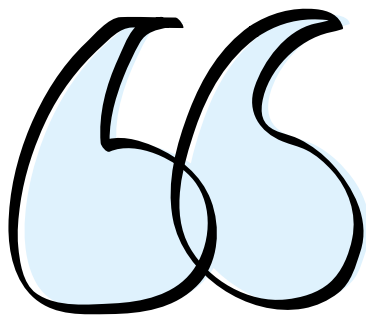
FOTO: DR

contrariando a ideia de que essa verificação é responsável pelos atrasos na execução dos projetos. Concordo plenamente com esta posição. A fiscalização não é um obstáculo ao desenvolvimento; é uma condição indispensável para que o progresso seja justo e sustentável. Quando o Estado decide flexibilizar regras ou contornar controlos, abre caminho à corrupção, ao favoritismo e à má gestão. Simplificar procedimentos não deve significar enfraquecer os mecanismos de transparência.

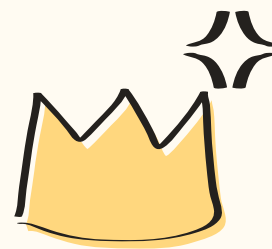
Os exemplos apontados por Peralta, como adjudicações repetidas aos mesmos fornecedores ou contratos artificiais para evitar escrutínio, mostram que o problema não está na lentidão do sistema, mas sim na falta de responsabilidade. É preocupante perceber que, em vez de adotar as boas práticas europeias de rigor e ética, Portugal continua a desvalorizar o controlo público.

O dinheiro dos fundos europeus não pertence aos governos, mas sim aos cidadãos. Cabe às instituições garantir que cada euro é gasto de forma honesta e eficiente. Um país que desrespeita as regras da boa gestão não só desperdiça recursos, como também perde credibilidade perante a Europa.

Fiscalizar não é travar o progresso, é protegê-lo! O verdadeiro atraso é continuar a tolerar um sistema que ignora a transparência e a responsabilidade. Só com integridade poderemos dizer que fazemos, de facto, o melhor da Europa.

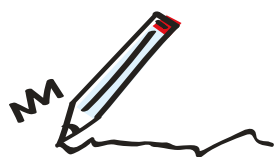


O dinheiro dos fundos europeus não pertence aos governos, mas sim aos cidadãos. Cabe às instituições garantir que cada euro é gasto de forma honesta e eficiente.



Uma iniciativa do projeto **PÚBLICO na Escola** e da **Rede de Bibliotecas Escolares (RBE)**, o concurso **“Isto também é comigo!”** distingue, todos os meses, um texto da autoria de estudantes do ensino secundário, tendo como ponto de partida para a reflexão um trabalho do PÚBLICO. O artigo de opinião “O que de melhor se faz na Europa, menos no que interessa”, da autoria de Susana Peralta, professora de Economia na Nova SBE, que inspirou a aluna da Lixa, foi publicado em 7 de novembro de 2025. Integraram o júri, nesta edição: Luísa Gonçalves, coordenadora do PÚBLICO na Escola; Cláudia Sá, professora, AE António Correia de Oliveira, em Esposende; Matilde Moura, aluna da Escola Básica e Secundária de Santa Maria, de Vila do Porto - Ilha de Santa Maria; Dália Santos, elemento da equipa RBE.

A felicidade é relativa



TEXTO DE
XAVIER ALMEIDA

No passado dia 15 de outubro, Cláudia Lobo publicou um artigo no PÚBLICO [na Escola] intitulado “As bombas deixaram de cair em Gaza”. O artigo aborda o facto de ter sido assinado um acordo de cessar-fogo entre o primeiro-ministro de Israel e o Hamas, mostrando-se como uma luz ao fundo do túnel para o povo de Gaza.



FOTO: DR



CONCURSO
**ISTO TAMBÉM
É COMIGO!**

VENCEDOR DA EDIÇÃO DE OUTUBRO DE 2025
MIGUEL XAVIER SARAIVA ALMEIDA

ALUNO DO 11.º ANO | AE SOARES BASTO, OLIVEIRA DE AZEMÉIS

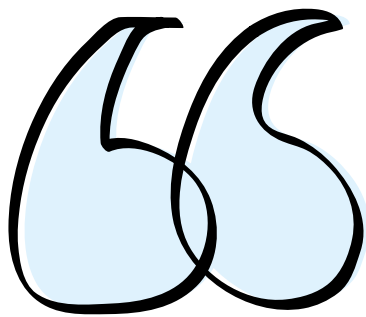
O que me despertou a atenção nesta notícia foi a imagem da sua capa, de Dawoud Abu Alkas/REUTERS, cuja legenda é “Crianças na Faixa de Gaza, depois de se saber do cessar-fogo”. É impossível ficar indiferente perante a imagem de dois rapazes a sorrir no meio de destroços, à beira de uma tenda onde provavelmente viveriam. O cenário envolvente é chocante e as ruas refletem o sofrimento levado a cabo naquele lugar.

No entanto, estas crianças sorriem. Sorriem abertamente como se vissem, pela primeira vez em dois anos, um futuro na sua vida. O seu sorriso puro e inocente contrasta com os tons de cinzento que à sua volta se desenham, num dia em que o sol lhes quis também sorrir de volta. É arrepiante olhar para estes meninos e saber que eles estão tão felizes por causa do fim de uma guerra. Naquela idade, a minha maior felicidade era receber um brinquedo novo no meu aniversário.

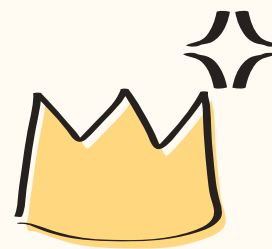
Isto mostra que a felicidade é relativa. Aquelas crianças não têm nada, mas sorriem – porque têm esperança. Estão contentes porque a guerra chegou ao fim, porque o futuro lhes parece mais brilhante, tal como o sol daquele dia. Uma criança numa região em paz não sabe a sorte que tem por não ter de se preocupar com assuntos como guerras, fome e doenças. Quer apenas brincar e divertir-se. Porém, para estas crianças, não ter de sofrer diariamente já é uma alegria enorme.

Só espero que estes meninos da fotografia tenham um futuro melhor, que os seus filhos não tenham de se contentar com o fim de uma guerra e que possam ser felizes a fazer outras coisas – coisas próprias de crianças, que estas não puderam fazer.

É só isso que eu peço.



É impossível ficar indiferente perante a imagem de dois rapazes a sorrir no meio de destroços, à beira de uma tenda onde provavelmente viveriam.



Uma iniciativa do projeto **PÚBLICO na Escola** e da **Rede de Bibliotecas Escolares (RBE)**, o concurso **“Isto também é comigo!”** distingue, todos os meses, um texto da autoria de estudantes do ensino secundário, tendo como ponto de partida para a reflexão um trabalho do PÚBLICO. Em outubro de 2025, foi uma “Notícia PÚBLICO na Escola para a sala de aula”, da autoria de Cláudia Lobo, que cativou o interesse de Miguel Almeida, aluno do 11.º ano do Agrupamento de Escolas Soares Basto: *“As bombas deixaram de cair em Gaza”* (15 de outubro de 2025). Integraram o júri, nesta edição: Luísa Gonçalves, coordenadora do PÚBLICO na Escola; Anabela Solinho, professora, AE António Correia de Oliveira, em Esposende; Etienne Gendler, aluna da Escola Básica e Secundária de Santa Maria, de Vila do Porto - Ilha de Santa Maria; Carla Fernandes, elemento da equipa RBE. As “Notícias PÚBLICO na escola para a sala de aula” são escolhidas entre as matérias publicadas pelo PÚBLICO. O conteúdo é adaptado a alunos a partir do 1.º ciclo do ensino básico, acrescentando-se, sempre que se considera necessário, glossário, mapas ou caixas com outras informações. O objetivo é que professores e pais encontrem aqui assuntos de atualidade para utilizarem nas aulas ou partilharem com os seus filhos.

